Artes Plásticas

G.F.

Dez novas tendências em coletiva inaugural

Inscribe-se o grupo, que se nega como tal, das Novas Tendências, em exposição na rua General Jardim, 676 (Associação de Artes Visuais Novas Tendências), nesse plano situado entre construção e geometria em pintura e escultura, como a exposição inaugural torna evidente.

A despreensão do grupo não poderia ser mais expressa do que nessa sala nua, em que dez quadros se acham seguros por fios de nylon. Onde pendem dois fios de nylon, sem o quadro correspondente, há um letreirinho reminescente na parede, o trabalho de Waldemar Cordeiro. O atraso do registro corre por conta dessa incerteza de haver ainda a exposição, depois de retirado o quadro de Cordeiro. Houve uma notícia e um desmentido. O desmentido maior está lá — a exposição continua.

Os trabalhos são de Alberto Aliberti, Alfredo Volpi, Caetano Fraccaroli, Hermelindo Fiaminghi, Judith Laund, Kazmer Fejer, Lothar Charoux, Luiz Sacilotto, Maurício Nogueira Lima, Mona Gorovitz. Cinco deles já foram vendidos. A pergunta natural é a de se saber se Volpi está entre os primeiros vendidos; não, Volpi não vendeu seu quadro, que é na verdade o único quadro de cavalete da exposição, uma espécie de coisa que não é desse mundo, com sua tela, sua pintura, suas formas, uma vaga recordação das linhas e ritmos de Deyrolle, o que Volpi não sabe. O mais próximo do quadro de cavalete, próximo de Volpi, portanto, é o trabalho de Judith Lauand, espécie de tabuleiro de xadrez incompleto, indo do branco ao azul; em Volpi e Laund a técnica é tempera sobre tela, mas como matéria pouco aparece.

Vamos agora aos experimentalistas: Mona Gorovitz parte de um bastidor quadrado, a que intitula "Sim ou não" e trabalha nesse espaço (60x60) com lã e barbante; é arte aplicada feminina. Maurício Nogueira Lima tenta a pintura em óleo sobre tela, pintura de textura com variação; o resultado é discutível, mas bastan-

te próximo do de Fiaminghi. Este apresenta uma "impresão" no sentido técnico, pois se trata de retícula mesmo para ser impressa. A tentativa está explicada na legenda do clichê do catálogo, clichê aliás que não corresponde ao trabalho exposto. Trata-se de uma "fusão e difusão da cor por incidência de luz", donde chegamos ao "trompe l'oeil" que serve também para ofuscar a vista.

Kezmer Fejer, no "Objeto n.º 11", em poliéster sobre acrílico estabelece quatro ordens de quadrados, juntando as formas componentes em verticais e horizontais numa composição primária.

Lothar Charoux insiste em seu desenho com uma paciência apostolar; o espaço é dividido e um dos campos desdobrado ao centro, em quadrado que invade o outro campo; perfeito, mas sem nenhum interesse, a não ser a persistência do desenhista em sua maneira.

Luiz Sacilotto busca uma "Concreção" em latão polido recortado e postas as folhas derivadas do recorte em relevo. O alinhamento dos recortes é rigoroso. Como boniteza de matéria está longe de uma aplicação adequada. Não nos cabe descobrir melhor emprego para tais concreções.

Alberto Aliberti propõe em seu trabalho "Superposição de vazados n.º 19", em plexiglas e aço inoxidável, quatro ordens de desenhos obtidos pela intersecção das perfurações das placas; e só. É bonito e duma pobreza inventiva de causar pena.

Fraccaroli reproduz em pequeno aqui o Relevo 2 que o Juri de Seleção da VII Bienal complacientemente admitiu. São cubos de madeira pintada colados numa superfície de 63x45, acompanhando mais ou menos arbitrariamente duas linhas centrais.

Aí fica o registro da pequena exposição, que propõe tudo quanto em construção e geometria estes dez NT procuram resolver. Insistimos no quadro de Volpi, único resultado ponderável da exposição. Mas também o mais fraco dentre eles, se se considerar NT.